

V4T3R

Parte I - O Basilar e o Padre

Eduardo Magela Rodrigues

eduardo@eduardo.rodrigues.nom.br

SUMÁRIO

O Basilar.....	3
O Padre.....	11

O Basilar

*Tempo e espaço sem fim;
Pensamentos perturbadores, perguntas pendentes;
Limitações da compreensão humana.¹*

Você pode me chamar de **V4T3R**. Não que eu precise de um nome, pois — como um membro dos **Basilares**, a mais avançada civilização de toda a **Existência** — dispenso este método arcaico de identificação. Todavia, como vocês — habitantes deste pequeno planeta chamado Terra —, ao longo de sua breve existência, utilizam sequências de caracteres simples para se distinguirem uns dos outros, empregarei um conjunto destes signos como alcunha. De maneira similar, usarei este mesmo conjunto rudimentar de símbolos fonéticos — que vocês denominam alfabeto — para tecer meu relato. Com o propósito de tornar minha narrativa compreensível para suas

¹ Tradução livre de trecho da letra da música “*Through the Never*”, presente no álbum “*Metallica*”, lançado em 1991 pela banda americana *Metallica*

inteligências primevas e limitadas, adaptarei sofisticados vocabulário e gramática à sua linguagem elementar e pouco articulada.

Venho de uma dimensão muito mais elevada — inacessível para qualquer tecnologia que vocês tenham conseguido imaginar, nem sequer desenvolver —, um desdobramento da Existência muito anterior ao que sua espécie erroneamente considera o início de tudo e que, de forma deveras pueril, denomina *Big Bang*. Possuo um intelecto infinitamente superior ao exemplar mais inteligente de sua cepa e — vivendo numa sociedade racional, igualitária e sem mazelas — tenho na busca pelo conhecimento minha atividade favorita.

Desde meu surgimento, as histórias de outras civilizações constituem um tópico que alimentou sempre minha fome de saber. Em decorrência disso, tenho estudado inúmeros povos — todos dotados de níveis intelectuais bem inferiores — espalhados pelas incontáveis dimensões da Existência que nossa tecnologia me permite acessar. Minhas pesquisas sobre o desenvolvimento destas formas atrasadas de vida me levaram a incontáveis descobertas: algumas hilárias, outras bizarras, algumas tristes, outras aterradoras. Para conduzir minhas investigações, utilizei um **Flexor Espaço-Temporal**: uma máquina capaz de acessar qualquer ponto temporal e espacial, e projetá-lo num monitor, num formato semelhante às transmissões de TV feitas por vocês no apogeu de seus dias.

Devo, aqui, confessar minha preferência pela Civilização Humana. Primeiramente, porque fiquei desconcertado com o inesperado — porém fortuito — entrópico arroubo cognitivo que dotou sua espécie de inteligência. Embora profundamente limitado, este ínfimo desenvolvimento intelectual possibilitou que criaturas tão frágeis como vocês evoluíssem o suficiente para subjugar outros animais — bem mais fortes do ponto de vista físico — e se tornassem a raça dominante de seu irrelevante planeta. Num segundo momento — num estágio temporal mais avançado de sua presença na Terra —, me delicieei com sua ingênua arrogância de que o *Homo sapiens*, a pomposa nomenclatura empregada por vocês para se autodenominarem, constituiria a única forma de vida inteligente na infindável Existência.

Outro aspecto de sua espécie que admiro são seus esforços para criar uma série de ferramentas e tecnologias que — apesar de absurdamente primitivas quando comparadas àquelas desenvolvidas por outras civilizações bem mais avançadas — permitissem uma melhor adaptação aos diversos ecossistemas e condições climáticas de seu planeta natal. Sua capacidade inventiva e sua determinação em encontrar modos de superar suas limitações físicas e intelectuais inerentes sempre aguçaram minha curiosidade, embora eu julgasse sua débil busca por evolução, desde sempre, fadada ao fracasso.

Talvez minha própria civilização seja alvo de observação de entes ainda mais superiores, que, neste exato instante, zombam de mim e minhas pesquisas. Isso porque, no alvorecer da Existência — que se trata, na verdade, de uma dimensão espaço-temporal de amplitude e complexidade incompreensível para os padrões humanos —, mesmo os basilares eram um povo relativamente primitivo. Todavia, nossa racionalidade exacerbada e as longas eras que tivemos à nossa disposição possibilitaram que evoluíssemos ao patamar em que nos encontramos hoje: uma sociedade coerente, igualitária, tecnologicamente avançada e movida unicamente pelo interesse intelectual.

Admito que inúmeros e salutareos aspectos facilitaram o desenvolvimento dos basilares como espécie e — por consequência — como civilização. Nossa constituição orgânica talvez constitua a principal deles: a substância que compõe a parte exterior de nossos corpos é altamente flexível e resistente. Tal peculiaridade possibilita que assumamos diversas formas e consigamos suportar ambientes inóspitos para a maioria das outras raças. Deste modo, não precisamos nos preocupar com a preservação dos ecossistemas existentes em nosso planeta.

Fisiologicamente, não necessitamos de alimentação, visto que a energia vital que move nossos corpos — insuflada em nosso organismo no momento da concepção — permanece com seu nível inalterado durante toda a nossa existência. Desta forma, não executamos as dispendiosas operações de ingestão e digestão de nutrientes, bem como a excreção dos detritos gerados por elas. Consequentemente, não precisamos cultivar plantas ou criar rebanhos de animais, para nos servirem como fonte de alimento.

Libertos de tais preocupações, que acometem praticamente as demais formas de vida por nós estudadas, pudemos dedicar a totalidade de nossas existências ao aperfeiçoamento de nossas faculdades intelectuais. O produto de tamanha abnegação — empreendida ao longo de bilhões e bilhões de anos — encontra-se no volume incomensurável de conhecimento que geramos, o que permitiu o desenvolvimento de tecnologias inimagináveis para outros povos. Ademais, como uma civilização racional e puramente centrada no saber, não necessitamos de certos conceitos e ideias que me parecem tão caras para os humanos, tais como: dinheiro, poder, propriedades e *status* social.

As características de nosso planeta, *Domum*, representam outro ponto que nos favoreceu imensamente em nossa jornada evolutiva. Além de ter um tamanho muitas vezes maior que a Terra, o corpo celeste que abriga nossa civilização possui um núcleo extremamente ativo, que gera uma quantidade exorbitante de energia cinética, a qual chamamos de *imperium*. Com o passar dos anos, aprendemos a extrair e armazenar tal energia para alimentar nossos dispositivos, residências e edificações comunais. Além do centro produtor de *imperium*, na superfície do

planeta abunda um metal — que chamamos de *exegia* — bastante resistente e com excelentes propriedades condutivas. O *exegia* serviu de matéria-prima essencial para nossas edificações e, a medida que nossa tecnologia avançava, automatizamos sua extração e processamento. Deste modo, minha espécie sempre teve acesso a abundantes reservas materiais e energéticas, que possibilitaram um rápido desenvolvimento de nossa sociedade.

Ressalte-se, no entanto, que as quantidades de matéria-prima e energia que obtínhamos somente se mantinham em níveis adequados devido à baixíssima variação populacional de nosso povo. Desde a gênese dos basilares, o número total de indivíduos que compõem nossa civilização nunca apresentou elevações bruscas, crescendo de maneira gradual em seus primeiros anos, estabilizando-se num segundo momento e mantendo-se praticamente inalterado no último bilhão de anos. Isto se deve a dois fatores: a longevidade de nossa espécie e às peculiaridades de nosso processo reprodutivo.

Dado que nosso organismo praticamente não interage com o meio externo, nós não nos sujeitamos ao desgaste celular decorrente de operações metabólicas e, em consequência, não envelhecemos. Pelos mesmos motivos, não somos acometidos por doenças ou infecções, nem apresentamos o declínio de nossas faculdades físicas e mentais com o passar do tempo. Desta forma, a morte somente nos ocorre em situações em que nossas estruturais corporais sofrem uma perda ou um acréscimo bastante significativo de energia vital. Caso nenhum destes dois casos ocorra, um basilar pode viver indefinidamente e ultrapassar com facilidade a idade de um bilhão de anos.

Um aumento considerável da energia vital em nosso corpo somente ocorre quando nos expomos diretamente a um veio condutor de *imperium*, situação cada vez mais rara depois da automatização dos processos de extração e canalização dos veios oriundos no interior do planeta. Desta forma, nas últimas eras, a principal *causa mortis* de nossa espécie tem sido — ironicamente — o momento do nascimento de um indivíduo. Por não possuímos órgãos sexuais e não copular, a concepção de um novo basilar ocorre através de um laborioso ritual, que retira um pouco da energia vital de três indivíduos e a transfere para uma esfera gestacional. Um dos doadores insere o invólucro em seu organismo e carrega o recipiente por dez anos, até o momento em que expela a nova entidade, num doloroso procedimento em que se transfere uma enorme quantidade de energia vital do genitor para o nascente. Essa súbita realocação matéria acaba, muitas das vezes, por matar o gestante.

Em decorrência disso, o número da população de basilares tem se mantido inalterado, não sobrecarregando os recursos naturais de nosso planeta. De forma diametralmente oposta, o

crescimento desenfreado da população humana acabou por exaurir a pobre Terra, resultando no colapso de sua claudicante civilização. Este cenário dramático motivou minha vinda até aqui.

Planejo esta empreitada há cerca de um século. Todavia, como o Flexor Espaço-Temporal possibilita apenas a transmissão de imagens, tive de dedicar meus esforços intelectuais — e de outros brilhantes membros de minha civilização — para desenvolver uma máquina mais avançada: o **Projektor Cognitivo**. O dispositivo funciona como uma extensão do Flexor, mas com a capacidade de projetar a consciência de um basilar para o interior do sistema neural de um ente hospedeiro, dentro de um recorte espaço-temporal. Deste modo, o visitante começa passa a vivenciar todos os estímulos sensoriais recebidos pelo corpo que o carrega, conseguindo — inclusive — acessar seus pensamentos. Por questões éticas elementais, o receptor não percebe a presença da consciência estrangeira, do mesmo modo que aquele que visita não consegue interferir no funcionamento do organismo do anfitrião.

A ideia de criar tal dispositivo já me ocorrera diversas vezes, fruto da curiosidade que a natureza humana sempre me causou. Em minhas observações a partir do Flexor, em inúmeras ocasiões presenciei vocês se chamando de *criaturas racionais*. Todavia, devido aos incontáveis episódios em que testemunhei atitudes completamente desarrazoadas tomadas por vocês, comecei a pensar numa maneira de captar essa ambivalência comportamental de modo mais efetivo. Cheguei a conclusão de que somente uma máquina como o Projektor Cognitivo poderia me oferecer as respostas que buscava. Após diversas postergações, decidir iniciar o trabalho de criação do referido dispositivo no ano terráqueo de 1982 D.C..

Mesmo para uma civilização tecnologicamente tão avançada como as dos basilares, o desenvolvimento de um dispositivo de altíssima complexidade como o Projektor Cognitivo consumiu significativas quantidades de tempo, recursos e esforços. O processo de instalar uma segunda consciência num sistema neural vivo e mantê-la oculta requereu intensa pesquisa e milhares de testes preliminares em cobaias. Para minha vergonha e de minha espécie, devo revelar que alguns dos hospedeiros das primeiras tentativas de projeção acabaram vítimas de graves e irreversíveis lesões neurológicas, muitas delas permanentemente incapacitantes. Todavia, já nos estágios finais de desenvolvimento da máquina — ocorridos cerca de oitenta anos após o início do projeto —, as lesões não mais ocorriam. Passamos a registrar, porém, casos isolados em que o sistema neural do hospedeiro detectava a consciência visitante, o que originou episódios de esquizofrenia e surtos de múltipla personalidade. Mais uma década decorreu até que finalmente conseguimos refinar o procedimento, de forma a não mais provocar quaisquer efeitos colaterais no organismo receptor.

Apesar do Projetor Cognitivo possuir um grau de sofisticação tecnológica impensável para os padrões terráqueos, ele possui um processo operacional bastante simples — em grande parte por uma bem projetada interface de usuário —, requerendo apenas dois indivíduos: o operador do console de projeção e o visitante. Devido a minha atuação mais proeminente na etapa de desenvolvimento do dispositivo, ficou reservado a mim o papel de operador durante todos os testes. As atribuições desta função são várias: primeiro, ele se torna responsável por criar e estabilizar a conexão física de nossa dimensão com o recorte espaço-temporal selecionado. Após a criação do vínculo interdimensional, o operador deve estabelecer e estabilizar a conexão neural entre a consciência do visitante e a do hospedeiro. O terceiro passo consiste em efetuar o processo de projeção da mente do basilar para dentro do organismo humano. Uma vez completado este passo, ele precisa monitorar constantemente a conexão física e a neural, para trazer de volta a consciência do visitante em caso de algum problema com o hospedeiro ou com o sinal interdimensional.

Já o visitante, no que lhe concerne, tem como função única permanecer no organismo hospedeiro e registrar todos os estímulos sensoriais que recebe. O Projetor Cognitivo automaticamente capta e transmite as informações para o console de operação, onde ficam devidamente registradas para análise posterior. Enquanto projeta sua consciência em outro ponto da Existência, o corpo do visitante permanece em estado de hibernação e conectado ao painel de controle do dispositivo. O que acontece em caso de um encerramento não planejado da conexão — por algum problema com a transmissão ou com o hospedeiro — antes que a consciência do visitante retorne ainda faz parte de um ambiente meramente especulativo. Defendo a tese de que a interrupção do vínculo neural pouco afetaria o visitante, somente apagando de suas memórias biológicas as impressões colhidas por ele enquanto presente no corpo do hospedeiro. Outros indivíduos que participaram do desenvolvimento do dispositivo acreditam, no entanto, que uma queda inesperada da conexão resultaria na morte cerebral do visitante e no exílio de sua consciência no organismo que o recebeu. Tais divergências de pensamento somente reforçam a importância do operador de console e da necessidade de ele realizar um cioso e constante monitoramento.

Assim que concluí a exaustiva série de testes e ficou comprovado que o Projetor Cognitivo funcionava como o esperado, eu — finalmente — pude trocar o posto de operador de console para o de visitante. Quando isto aconteceu, o *Homo sapiens* vivenciava dias bastante difíceis. Após atingir seu apogeu tecnológico e populacional no ano de 2051 D.C., a Humanidade mergulhou num tenebroso período de reveses, todos relacionados à sua agressiva intervenção ambiental no planeta Terra. Para alimentar uma população superior a 9 bilhões de pessoas, o homem exauriu os recursos naturais do planeta, o que culminou em milhões de mortes causadas por fome, sede ou

doenças ligadas à subnutrição. Não havia água e alimentos suficientes para todos e não existiam novas fontes para obtê-los.

Concomitantemente, eventos climáticos de severidade extrema — derivados da intensa transformação dos diversos ecossistemas terráqueos promovida pela Humanidade — começaram a assolar a Terra: maremotos destruíram cidades costeiras e submergiram uma parcela considerável da área habitável do planeta; tempestades devastadoras, nevascas impiedosas e secas brutais arruinaram grande parte das áreas cultiváveis; furacões de proporções apocalípticas aniquilaram megalópoles inteiras. Além de bilhões de vidas, a força da Natureza também acabou por obliterar a maioria das principais estruturas industriais e tecnológicas construídas pelo homem, bem como suas mais importantes obras de infraestrutura.

A fúria dos elementos naturais açoitou o planeta até o ano de 2066 D.C., reduzindo o número de humanos a menos da vigésima parte da população em seus tempos áureos. Impotente diante dos seguidos cataclismos, o que restou da Humanidade buscou refúgio em áreas distantes dos oceanos e rios, que passaram a cobrir mais de noventa por cento da superfície terrestre. Encurralado pelo implacável poder da Natureza e desprovido das ferramentas tecnológicas que o haviam tornado senhor da Terra, o homem já não mais podia moldar o ambiente à sua volta. Assim, após milênios exercendo ativamente o papel de agente transformador, o *Homo sapiens* retornara — em menos de vinte anos — à condição de sujeito adaptativo, bastante dependente das condições do ambiente.

Como no alvorecer de sua civilização, os homens passaram a viver em pequenos agrupamentos, esparsamente distribuídos entre as ruínas das cidades destruídas pela inclemência das intempéries ou corroídas pela impossibilidade de manutenção das estruturas existentes. Forçada a retornar aos padrões de subsistência similares aos de seus antepassados mais longínquos, a espécie humana se tornara apenas mais uma, na nova configuração de um planeta violentamente transformado pelas forças da Natureza.

A Humanidade não se preparou para tamanho desafio: uma raça fisicamente frágil habitando um ecossistema hostil. Vivendo anteriormente em um mundo dominado pela automação, os humanos simplesmente não sabiam como proceder ao constatarem que pouco lhes restara de suas poderosas máquinas e estruturas do passado. Apesar de seu intelecto superior — em relação às demais espécies deste planeta atrasado —, não mais possuíam os meios e as ferramentas necessárias para exercer tal superioridade. Quase todo o saber que haviam acumulado ao longo de sua existência — armazenado em arquivos digitais — acabou destruído. As poucas informações restantes se encontravam praticamente inacessíveis, trancadas em dispositivos eletrônicos que se tornaram inúteis em decorrência da quase inexistente oferta de

eletricidade. Os livros físicos, que se encontravam em quantidade bem escassa antes do inclemente revide das forças da Natureza, constituíam uma raridade. A falta de equipamentos tornava a edição de novos exemplares uma improbabilidade.

Residindo num mundo decadente, o homem era uma espécie avançada, mas com reduzidas perspectivas de curto e médio prazo. Os humanos já não mais podiam se ocupar com atividades mais elevadas como Ciência, Tecnologia e Arte. Os esforços dos *Homo sapiens* remanescentes miravam um único objetivo: sobreviver, um dia de cada vez.

Este é, num breve resumo, o panorama enfrentado por sua espécie quando finalmente realizo minha visita ao seu planeta, em meados do ano terráqueo de 2072 D.C.. Antes de iniciar minha narrativa, ressalto a motivação estritamente científica de minha empreitada. Gostaria de me referir aos humanos cujos organismos receberão minha consciência como “anfitriões”, indivíduos que recebem — conscientemente e por escolha própria — outras pessoas. No entanto, em deferência à semântica terráquea, aviso que empregarei termos como “Hospedeiro”, “Recebedor” e “Destinatário”, além das denominações sociais aceitas pelo indivíduo que me acolherá.

O Padre

*Você sabe que é verdade que Deus odeia esse lugar;
Você sabe que é verdade que Ele odeia essa raça.²*

A mente de um homem que vive num pequeno vilarejo localizado em uma região montanhosa torna-se o destino da primeira projeção cognitiva. Trata-se de um indivíduo nascido em 2018 D.C. e que — com 54 anos terráqueos de idade — testemunhou tanto o ápice da civilização humana quanto sua monumental derrocada diante de uma Natureza em convulsão. Minha intenção ao escolher alguém com esta característica é analisar como o inconstante cérebro do *Homo sapiens* se comporta quando confrontado com uma mudança tão radical em suas condições de sobrevivência.

Para evitar qualquer possibilidade de confusão mental em Meu Recebedor e permitir que minha consciência tivesse tempo para se adaptar ao seu organismo, a projeção cognitiva ocorre durante o período de sono de Meu

² Tradução livre de trecho da letra da música “*Disciple*”, presente no álbum “*God Hates Us All*”, lançado em 2001 pela banda americana *Slayer*

Destinatário. De início, percebendo que minha mente superior encontra-se alojada num invólucro tão inadequado e frágil como um corpo humano, experimento um certo receio por ter me envolvido nesta empreitada. Com o passar do tempo, porém, tal sensação esvanece e começo a receber — mesmo com o humano ainda dormindo — os primeiros impulsos sensoriais oriundos de seu organismo.

A primeira sensação que experimento advém do desconforto térmico causado pelo frio que domina o ambiente ao redor de Meu Hospedeiro, não tão intenso para acordá-lo, mas incômodo o suficiente para impedir um descanso mais profundo. Enfrentar uma baixa temperatura não constitui uma novidade sensorial para um basilar, pois já viajei por locais centenas de vezes mais gélidos que este em que Meu Recebedor se encontra. Além do frio, o sistema cognitivo do Meu Destinatário processa outra sensação, que se irradia por todo o seu corpo na forma de um desconforto físico cuja causa não consigo discernir. Também se tratam de estímulos incapazes de despertá-lo, mas que não permitem que seu organismo descanse de maneira adequada.

Meu Recebedor prossegue dormindo, a despeito dos incômodos. De alguma forma, seu organismo consegue permanecer alerta ao ambiente que o cerca e, simultaneamente, adentrar um estado de inconsciência — ou semiconsciência — que oferece algum descanso ao seu cérebro. Fico bastante curioso com esta divisão das faculdades mentais humanas em dois — talvez três — estágios de vigília, visto que os basilares nunca dormem e se encontram sempre em estado de plena lucidez.

De repente, mesmo sabendo que Meu Hospedeiro está com os olhos fechados e adormecido, começo a receber estímulos visuais gerados no cérebro do humano. As imagens mostram Meu Destinatário caminhando ao sopé de um monte durante um dia bastante quente e ensolarado, num ambiente e numa posição bem diferentes destes em que ele se encontra agora. Passo por um estarrecimento momentâneo, imaginando que — durante todo o tempo que fiquei estudando os *Homo sapiens* — não descobri que os humanos também conseguem projetar seu corpo para outro ponto no espaço e no tempo.

No entanto, visto que o Projetor Cognitivo me permite selecionar qual estímulo vindo de Meu Recebedor desejo processar prioritariamente, analiso as informações sobre a sensação térmica externa e me certifico de que o ambiente ao redor de seu corpo continua frio. Retorno minha atenção para o fluxo de imagens geradas pelo cérebro de Meu Hospedeiro e atento para que as ações nelas mostradas não ocorrem fluidamente, como se o tempo dentro delas decorresse de maneira inatural. Percebo, então, que assisto a um sonho.

O estado onírico representa algo inusitado para um basilar, pelos mesmos motivos fisiológicos que o são os diferentes estados da consciência humana. Sinto genuíno interesse em constatar como o organismo do *Homo sapiens* responde aos fatos que ocorrem dentro de um sonho, reagindo como se fossem reais. No caso do Meu Destinatário, posso sentir seu sofrimento físico enquanto escala o monte que se eleva diante dele. Além do calor intenso que lhe tira o fôlego, noto que suas pernas pesam mais que o normal, exigindo um esforço hercúleo para dar cada passo. Para completar, a colina que ele se propõe a galgar parece se tornar mais alta e íngreme à medida que o humano avança.

Através de muita persistência, Meu Recebedor sobe alguns metros pelo monte, deixando o sopé e atingindo o meio do caminho. Enquanto o Projetor Cognitivo prossegue me informando que a temperatura exterior ainda se mantém baixa, no sonho, o sol continua brilhante e escaldante, fazendo com que o suor escorra pelo rosto do humano e o impeça de ver o que se encontra no topo da colina. Noto que o peso das pernas não mais o incomoda ele e que todos os seus esforços buscam enxergar o que reside no fim da subida. Contudo, quanto mais Meu Hospedeiro se empenha na tarefa, mais ofuscante o brilho solar se torna. Ele persevera e continua lutando contra as adversidades, impelido por uma angústia que obstrui qualquer outra sensação. Usando a mão direita para bloquear um pouco da luminosidade que o impede de enxergar, finalmente o *sapiens* consegue divisar o que há na parte mais alta da colina: três cruzeiras. Em duas delas, vejo que há alguém pregado à estrutura: os corpos — inanimados — pendem sem força sobre o madeiro.

Na cruz do meio, todavia, não há ninguém. Ao perceber aquilo, Meu Destinatário se desespera e vai ao chão, caindo de joelhos sobre o terreno quente e áspero. Sua cabeça toca o solo e lá permanece por alguns segundos, enquanto ele mantém os olhos fechados, esperando que o cenário no topo da colina mude neste meio-tempo. Após um longo respirar, o humano se ergue e olha novamente para o alto: as três estruturas continuam lá, suas configurações inalteradas. Não acreditando no que vê, Meu Recebedor grita, repetidas vezes e com toda a força que seus já castigados pulmões conseguem reunir: “*Você deveria estar lá! Por que fugiu? Por que me abandonaste?*”

Enquanto seu inconsciente grita no sonho, sinto o corpo do humano se debater, lutando para despertar. Ele se esforça para que os berros emitidos em sua cabeça alcancem o mundo externo, mas só consigo ouvir gemidos baixos e ininteligíveis. As imagens do monte e das cruzeiras vão se esfacelando e desaparecendo, aumentando o desespero de Meu Hospedeiro. Ele só deseja acordar, mas não consegue.

— Padre! — uma segunda voz fala, enquanto sinto alguém sacudir fortemente o humano em que me encontro. — Padre! Acorde!

Meu Hospedeiro desperta de seu sonho ruim, assustado. Ele abre os olhos e vejo diante dele o rosto de um homem quase na terceira idade, ajoelhado e segurando uma vela. O ambiente ao redor encontra-se bastante escuro, não permitindo que eu consiga perceber mais detalhes.

— O senhor está bem, Padre Amaro? — o desconhecido pergunta, preocupado.

— Estou, Baltazar.

Apesar da afirmação, percebo a incerteza no eclesiástico. Sua respiração, que se tornara muito rápida durante o sonho, começa a desacelerar.

— Foi só um pesadelo. — Meu Destinatário diz, sentando-se.

— Outro?! A terceira vez esta semana, não?

— Acho que sim. Não costumo contar essas ocorrências, na verdade.

Amaro mente de novo, pois sabe que esta é a terceira noite seguida em que enfrenta um sonho ruim. Ele somente não admite isso ao seu interlocutor porque deseja esconder o estado de agitação mental em que se encontra.

— Espero não ter acordado as crianças novamente. — fala, desanimado.

— De maneira alguma. — Baltazar o tranquiliza. — O senhor não gemeu tão alto quanto na noite passada. Eu apenas escutei porque adormeci logo em frente à mesa do altar. As crianças estão acomodadas no fundo da igreja e continuam dormindo.

— Que bom! Elas não necessitam ver um padre tendo pesadelos em plena madrugada.

— Outro sonho com seus pais?

— Sim. — Amaro mente, **pela terceira vez**, numa tentativa de não estender o assunto.

— Talvez eles querem lhe dizer algo. — insinua Baltazar, sem maldade e com o genuíno intuito de ajudar. — Minha avó contava que os mortos, às vezes, usam os sonhos para se comunicar com os vivos.

O padre não acredita nisto: leio em seus pensamentos. Concordar com Baltazar, no entanto, lhe parece a opção mais rápida para encerrar a conversa travada à luz hesitante da vela e para oferecer ao solícito indivíduo uma afirmação positiva.

— Talvez seja isso. — afirma Amaro.